

[INOVAÇÃO]

Nossa semeadura

Da planta à planta: acaba de ser lançado no Brasil um papel que traz o conceito de ciclo fechado da natureza. Fabricado artesanalmente com a fibra da bananeira, contém sementes de hortaliças e presta-se à confecção de convites, envelopes, cartões de fim de ano, marcadores de livro. Depois de usado, se for "plantado" e cuidado corretamente, as sementes se transformam em mudas de rúcula, agrião e cenoura. O lançamento é uma aposta para as vendas de fim de ano do Grupo Eco, empresa nascida sob princípios da sustentabilidade que atua em eventos, marketing e comunicação.

Foi em um evento na Espanha que o fundador do grupo, Davis de Luna Tenório, conheceu a tecnologia do "papel-semente". Adaptou-a ao Brasil, associando-a um trabalho social. O papel é produzido por uma comunidade parceira da empresa em Itariri (SP), no Vale do Ribeira, em um processo que gera 16 empregos diretos. Para confeccioná-lo, são aproveitados os troncos de bananeira cortados depois que o pé produz os cachos. As fibras são processadas até formar uma pasta, onde são colocadas as sementes. Prensada e seca ao sol, transforma-se em folhas de papel.

"Houve grande investimento humano no desenvolvimento da tecnologia. Testamos sementes de flores, mas as que responderam melhor, com germinação em oito dias, foram as hortaliças", conta Tenório.

O setor em que o Grupo Eco atua é um dos mais sensíveis à atual crise econômica. "Brindes e eventos sustentáveis são os primeiros itens que as companhias cortam na hora do aperto", diz ele. Mesmo assim, o empresário acredita que a crise será favorável a seus negócios. "Como ela está baseada em uma questão ética – hoje todos desconfiam de todos – haverá uma depuração e crescerá o espaço para as empresas realmente confiáveis e de fato comprometidas com a sustentabilidade." Como diria Gil, tem que morrer pra germinar. – *por Amália Safatle*

[ONGs]

Ligações perigosas

O universo das relações entre entidades ambientalistas e empresas de alto impacto ambiental sofreu um tremor em outubro, durante o congresso mundial da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), em Barcelona.

Seis entidades-membro lideradas pela Friends of the Earth International (Foe) apresentaram moção em que conclamam a diretora-geral da IUCN, Julia Marton-Lefèvre, a encerrar o contrato de parceria que a organização mantém com a petroleira Royal Dutch Shell. Conforme os termos do contrato, a IUCN recebe cerca de US$ 1,2 milhão por ano para custear gastos operacionais. Em troca, deve assessorar a empresa a aprimorar sua responsabilidade socioambiental.

"As operações presentes, passadas e futuras da Shell têm impactos sociais e ambientais enormemente negativos e a reputação da Shell é altamente controversa no trato com comunidades vizinhas afetadas", diz a moção, acrescentando que o contrato de parceria representa um "alto risco reputacional para a IUCN".

Utilizando espaço para resposta na mesma moção, Julia Marton-Lefèvre argumenta que o encerramento do contrato pode desencorajar outras empresas a dialogar com a IUCN e a atuar na área de conservação. Além disso, acrescenta que o término do contrato poderia acarretar "conseqüências financeiras imprevisíveis" para a organização.

Foe, a líder do motim, é crítica histórica das operações da Shell, especialmente na Nigéria, onde a empresa realiza queima de gás resultante da prospecção de petróleo, apesar de a atividade ter sido proibida pelo governo local desde 1969. A assessoria de imprensa da Shell foi procurada, mas até a conclusão desta edição não designou um porta-voz para comentar o episódio. (*CD*)